

A tragédia dos Xacriabás

Cerca de 6.200 remanescentes da raça indígena xacriabá vivem no Norte de Minas, na região de Itacarambi, a 800 quilômetros de BH, em reserva administrada pela Funai. Cultivam, rudimentarmente, terras de transição entre o cerrado e a caatinga, em clima semi-árido, com pouca água, conse-

guindo uma agricultura de subsistência. Há fome em várias das 22 aldeias, onde a luz elétrica ainda não existe para todos e a assistência médica e educacional são precárias, assim como as

estradas que demandam cidades vizinhas. Além da Funai, e seus notórios problemas, trabalha com a reserva um grupo de missionários ligados ao Conselho Indigenista Missionário, da CNBB. Mas o que se vê é a falta de um projeto, uma orientação face à questão indígena. Afinal, deve-se manter o assistencialismo ou apoiar os índios em direção à auto-sustentação, respeitando suas tradições?

A questão não tem resposta. Pobres, sem meios de sobrevivência, fogem. O cálculo do Escritório da Funai é que aumenta o êxodo da tribo e só nos últimos dois anos a população reduziu-se em 500 indivíduos. A falta de recursos faz com que o trabalho da Funai seja assistencialista. No

último ano, a Escola Agrotécnica Federal de Januária decidiu montar um campo avançado de plantio e desenvolvimento de técnicas coletivas, na reserva. Trabalho pioneiro, de cunho humanista

sem perder os objetivos pedagógicos, e de grande importância. É claro que encontra as dificuldades naturais, mas é preciso resistir. Os xacriabás sofrem usurpação de suas terras, descaso oficial, pressão dos brancos invasores, doenças endêmicas, falta de compreensão para sua herança cultural. Ainda é possível perpetuá-los como nossos precursores, da América pré-colombiana

**“...OS XACRIABÁS
 SOFREM USURPAÇÃO
 DE SUAS TERRAS,
 DESCASO OFICIAL...”**

